

Nascida em Nova York como estratégia de sobrevivência diante da exclusão racial, social e sexual, a cultura ballroom tem terreno fértil no DF. Transforma passarela em projeto de vida e consolida redes de cuidado e emancipação social

POR JÚLIA SIRQUEIRA* E GIOVANNA KUNZ

Na pista, os corpos não pedem licença. Eles ocupam. Desfilam, giram, mergulham no chão em um dip preciso e se levantam como quem reivindica o próprio direito de existir. Cada movimento carrega história. Cada pose carrega memória. A cultura ballroom, que há décadas pulsa como resistência negra e latina, encontrou no Brasil, e especialmente em Brasília, um território fértil para florescer como arte, família, formação política e projeto de futuro.

Nascida nos bailes underground de Nova York, entre as décadas de 1960 e 1980, a ballroom foi criada por pessoas negras e latinas LGBTQIAPN+ como estratégia de sobrevivência diante da exclusão racial, social e sexual. Expulsas de espaços tradicionais, inclusive dentro da própria comunidade LGBT branca, essas pessoas organizaram uma estrutura própria de sociabilidade. Mais do que uma cena de dança, a ballroom se consolidou como organização comunitária, articulada em casas (houses), categorias e balls — eventos competitivos que produzem reconhecimento, visibilidade e pertencimento.

As houses funcionam como famílias escolhidas. Há mães, pais, princesas, imperadores, filhos. Títulos que não são apenas simbólicos, organizam cuidado, hierarquia, responsabilidade e formação. As balls, por sua vez, são vitrines de excelência e celebração, em que categorias, que vão da moda à dança, exaltam corpos que, fora dali, muitas vezes são alvo de violência ou apagamento.

Ao atravessar fronteiras e chegar ao Brasil, a cultura ganhou contornos próprios, atravessados por raça, território, desigualdade social e regionalidade. No Distrito Federal, a ballroom ocupa tanto o espaço institucional quanto a rua. Está no câmpus universitário e nas praças da periferia. Está no teatro e no espelho escondido.

Acolhimento e educação

Na Universidade de Brasília (UnB), a Vivência Ballroom completa 10 anos em 2026. O projeto foi criado em 2016 por Legendary Founder Mother Simone DQ Laffond e Legendary Founder Papi Guaja Onijá, à época estudantes e integrantes da House of Caliandra.



Giovanna Kunz/CB/DA Press

“A cultura ballroom chega a nós a partir das trajetórias pessoais, seja por amizades, lugares que visitamos, seja por vídeos na internet”, explica Ciellen Selene, que hoje integra a gestão ao lado de Caiuá Onijá, Guilherme Macedo, Nico de Abloh e OA Princess Ciel Onijá.

Segundo Ciellen, a inserção da ballroom na universidade ocorreu como projeto de extensão, o que permitiu expandir as atividades para além do câmpus. “Ela se adapta ao contexto da UnB nesse formato, respeitando os fundamentos históricos e políticos da cultura e realizando ações tanto dentro da universidade quanto em espaços da comunidade do DF”, afirma. A proposta articula ensino, pesquisa e, principalmente, extensão, por meio de balls, oficinas formativas, rodas de conversa e sessões de cine ballroom. Atualmente, os encontros ocorrem no Núcleo de Dança, próximo ao Instituto de Artes e ao Departamento de Música.

Para além da performance, viver a ballroom no espaço acadêmico é um gesto político. “Não se limita ao momento da ball”, diz Guilherme Macedo. “Fala sobre nossas vidas no dia a dia, sobre formação,

empregabilidade, saúde e acesso. É cuidado, construção coletiva e afirmação de existências historicamente marginalizadas.” Ele destaca que, dentro da universidade, a ballroom cria redes de apoio e valoriza saberes não hegemônicos, tensionando normas de gênero, raça e classe. “É resistência e é criar nosso próprio lugar de pertencimento.”

A dimensão do pertencimento aparece com força na fala de Caiuá Quarela. Para ele, a ballroom produz espaços onde pessoas LGBTQIAPN+, especialmente negras, trans e periféricas, podem existir sem a vigilância constante. “Nomeamos nossas identidades, valorizamos nossas trajetórias e reconhecemos nossas potências. Na universidade, isso é essencial para a permanência estudantil e para um estar na academia menos solitário.”

Os elementos estruturantes da cultura, houses, categorias e balls assumem papéis complementares nesse processo. “Os encontros em comunidade são os mais potentes para quem está chegando”, afirma Ciellen. “É no convívio diário que aprendemos com os mais velhos o que é, como é e por qual motivo é.” As houses funcionam